

Modelo do País é desenvolvimentista, diz Malan

Ministro diz que governo busca o crescimento sustentado e melhorias para a população

DENISE NEUMANN
e ELIANE AZEVEDO *217*

RIO — O ministro da Fazenda, Pedro Malan, fez ontem um discurso contundente em defesa do modelo econômico atual e afirmou que ele é desenvolvimentista e está focado na busca do crescimento sustentado e melhoria das condições de vida da maioria da população. “É preciso sepultar a idéia de que de Brasília virão programas iluminados”, afirmou, acrescentando que o “nome do jogo, agora, é discutir políticas de investimento e competitividade”.

Seu discurso foi feito na abertura do 11.º Fórum Nacional de Altos Estudos, na sede do Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social (BNDES), e foi uma resposta às declarações do ex-ministro das Comunicações Luiz Carlos Mendonça de Barros, que defendeu, no fim de semana, a necessidade de um programa mais agressivo de desenvolvimento econômico, com ampliação da oferta de crédito.

Malan não ficou sozinho na defesa do programa econômico. O ministro das Comunicações, Pimenta da Veiga, e o presidente do Banco Central, Arminio Fraga, fizeram coro com o ministro da Fazenda. “Temos identidade absoluta com o ministro Malan”, disse Pimenta, acrescentando que “a estabilidade econômica não é conflitante com o desenvolvimento”. Fraga disse que havia planejado “bater no pseudodesenvolvimentismo, mas o ministro Malan já o fez”.

Os argumentos dos três integrantes do governo federal explicitaram a divergência política que existe entre parte do PSDB e membros do governo. “Os que querem promover o desenvolvimento devem compreender a situação da economia brasileira e errarão muito, sob o ponto de vista político, se propuserem confronto”, disse Pimenta em resposta a uma pergunta que questionava a entrega, por parte do PSDB, da formulação do programa econômico do partido à Mendonça de Barros. O PSDB, para ele, deve ter uma ação de convencimento, “até mesmo de setores do governo que sejam mais tímidos sobre a importância do desenvolvimento”.

Pimenta quer que o Plano Real seja ancorado no desenvolvimento. “O Plano Real não deve ser ancorado nas medidas restritivas que foram adotadas até aqui, mas o PSDB trabalhará politicamente essa idéia, porque isso não conflita com as posições da área econômica”, garantiu. “O partido não pode levantar a bandeira do desenvolvimento em confronto com qualquer outro setor do governo.”

Para o ministro, o desenvolvimento deve depender de uma ação indutora do Estado, não ser feito pelo Estado. “Os investimentos serão da iniciativa privada, que deve ser estimulada pelo governo a fazer isso”, afirmou. “Estamos privatizando, não podemos fazer o caminho inverso”, acrescentou.

O ministro Malan afirmou, em



Malan: “Ser desenvolvimentista é ter responsabilidade fiscal”

SENADOR QUER PRIMEIRO A REFORMA TRIBUTÁRIA

seu discurso, que ser desenvolvimentista hoje em dia é “defender produtividade, redução de custos, aumento da produção, melhoria da eficiência do setor público, aumento do investimento em gente, em educação, em pesquisa”. Ser desenvolvimentista, continuou, “é ter responsabilidade fiscal e, se conceder subsídio, identificá-lo no Orçamento” para que a sociedade saiba o que está pagando. “Não é com canetadas que se promove o desenvolvimento do País”, argumentou. “O governo é pró-ativo”, disse o ministro, pontuando que essa ação se dá na eficiência do gasto público, na atividade reguladora e nos programas como o Brasil em Ação, já planejados até o ano 2003.

O presidente do Banco Central argumentou que o BC está agindo para reduzir os custos de intermediação financeira. Ele explicou que essas medidas vão aumentar a eficiência dos bancos, “contribuindo para o desenvolvimento”.

Exportações — O ministro da Fazenda reconheceu que o principal desafio da balança de pagamentos do País é o crescimento das exportações. Ele não vê problemas no financiamento em conta corrente. “Somos e sempre seremos um País importador de capitais, por isso, teremos déficit em conta corrente”, ponderou. “Mas agora o investimento direto estrangeiro vai ser uma fonte importante de financiamento dessa conta”, acrescentou. Malan espera que entrem, este ano, cerca de US\$ 20 bilhões em investimentos diretos.

Com relação às exportações, o ministro disse que a mudança cambial foi importante para a competitividade dos produtos produzidos no Brasil, mas “a promoção de ex-

portações eficientemente competitivas também depende de outras ações do governo”, admitiu. Ele citou como ações os investimentos em infra-estrutura e logística, além da reforma tributária. “Mas é preciso, também, alterar a cultura pouco exportadora do empresário nacional.”

No encerramento da cerimônia de abertura, Pimenta da Veiga e o senador Fernando Bezerra (PMDB-RN), presidente da Confederação Nacional da Indústria (CNI), protagonizaram um pinga-fogo a respeito da condução política das reformas. Em seu discurso, o ministro havia defendido que a reforma política tivesse prioridade sobre a tributária e a da Justiça. “E, na verdade, a mais importante das reformas e, se não acontecer nos próximos 90 dias, acabará ficando para a outra legislatura”, argumentou.

Contrariado, Bezerra, ao tomar a palavra, afirmou que o governo deveria dar prioridade à reforma tributária. “Também digo que, se não for este ano, não acontecerá”, apontou. “A reforma tributária é uma prioridade que nunca se consolidou e uma decisão do Poder Executivo é fundamental para isso”. Pimenta contra-argumentou, garantindo que o governo quer a reforma tributária o mais rápido possível, mas acha que a reforma política, com a diminuição do número de partidos, facilitará a tarefa. “Acho difícil aprovar a reforma tributária no atual regime de votação em dois turnos, por isso, acho que a reforma política tenha preferência na votação”, disse.

No fim do encontro, Pimenta e Bezerra cumprimentaram-se, mas

o presidente da CNI não quis ficar com a última palavra: “Se tiver de acontecer uma reforma apenas este ano, que seja a tributária.” O ministro ainda ouviu um conselho do ex-ministro Márcio Marques Moreira: “É melhor tentar fazer só o possível.”

MAIOR DESAFIO É ELEVAR AS EXPORTAÇÕES